

**NÃO FALTOU AVISO**

# Cientistas preveniram o fracasso de Balbina

"Quando o Jornal A CRÍTICA chamou a comunidade científica amazônica para debater Balbina no auditório da Associação Comercial do Amazonas (ACA) ficou claro, nas palavras dos cientistas, ecólogos e professores da Universidade do Amazonas que a hidrelétrica era um fiasco, uma mentira". A declaração é do professor da UA, Paulo Monte, que criticou severamente o projeto e disse que a construção da hidrelétrica é para o Banco Mundial ver e "achar bonita".

A hidrelétrica de Balbina, segundo adiantou Monte, foi idealizada e realizada por meia dúzia de pessoas e na primeira avaliação sua construção apresentou orçamento de 350 milhões de dólares "pra não gerar nada". Hoje, o professor da UA afirma que esse orçamento atinge índices elevadíssimos e já ultrapassa a casa de 1 bilhão de dólares, que, segundo ele, deveriam ser cobrados pela sociedade aos pais do projeto.

Admitindo ser Balbina uma obra inviável e, também, impagável, Monte é de opinião, conforme reportagem publicada pela revista

"Veja", que fossem suspensas em definitivo os empréstimos para o prosseguimento do que é condenado veementemente por cientistas, ecólogos e pesquisadores da região. "Já estamos sofrendo com os efeitos da construção de Balbina, que devastou imensa área para formação de seu lago. A temperatura da cidade alterou e o desequilíbrio ecológico já apresenta sérios sintomas", adverte.

**Pouca vazão** — Para que a hidrelétrica de Balbina tenha condições de produzir energia elétrica, conforme dados de engenheiros da obra, é necessário que as águas, ao passarem pelas comportas, tenham uma vazão média de 260 metros cúbicos por segundo. Entretanto, ao considerar que a lâmina d'água não ultrapassará em média 80 centímetros, Monte afirmou ser impossível de se conseguir essa vazão.

Conforme declarou, entre o querer e o poder há uma grande diferença e que, na pior das hipóteses se a Eletronorte quiser produzir energia elétrica o máximo que consegui-

rá é de 80 a 120 MW e nunca 250, como pretensamente pretende. Ele disse que o rio Uatumã é de pouca vazão e se "os coronéis da Eletronorte não fizerem pajelança a fim de que chova, não terão a cota de 46m para as turbinas entrarem em funcionamento.

Ao afirmar que cada região ou microrregião na Amazônia tem seu ecossistema próprio, Paulo Monte declarou que a região onde está localizado o Uatumã não é de grande precipitação pluviométrica e que a sua cabeceira deveria sofrer grande influência da chuva para encher o grande lago que possibilitaria o fornecimento de energia para Manaus, ameaçada de black out.

Para ele, a construção de Balbina foi um erro histórico, político e que a sua localização é completamente inadequada, pois faz parte de uma grande planície, que inviabiliza a queda d'água. "Foram muitos os avisos dos cientistas e estudiosos da região. Resta agora à população julgar e condenar todos os incentivadores do projeto. Balbina não funcionará".

## Cimi tem a versão do problema

Segundo o CIMI todos os questionamentos em cima da Hidrelétrica de Balbina, dão-se em face de que desde o fechamento das comportas para a formação do grande lago, sua cota atingiu apenas 34,5m. Para gerar energia é necessário que sua cota suba até 46m. Atualmente o máximo que sobe quando não permanece invariavelmente em zero, é um centímetro por dia. Para muitos, Balbina não vai gerar energia, pois a vazão do rio é pouca e mesmo que chova nunca chegará a 46m.

Explica o coordenador regional do CIMI Norte I, Francisco Guenter Leobens, que em seu discutível projeto de incrementação do setor energético, o governo brasileiro inseriu em seus planos a construção de mais de 60 hidrelétricas apenas na Amazônia, região onde se encontra a maioria dos grupos indígenas do País. "Na verda-

de esta política do governo federal, faz parte de um plano, iniciado a partir da década de 60, para implantar na Amazônia uma infra-estrutura, através de projetos monumentais que facilitarão a atuação das empresas mineradoras, madeireiras e agropecuárias pertencentes a corporações plurinacionais e nacionais. Elas objetivam lucros imediatos, através dos esbulhos dos recursos naturais e da população regional".

**Desagravo** — "Há muito tempo — continua Guenter — vinhamos alertando que Balbina não passava de uma ilusão, um grande blefe para com a população. Isto foi uma irresponsabilidade, como se coloca em jogo a destruição da fauna, da flora e das terras indígenas tão fácil. Esta usina parada só beneficia a própria Eletronorte e as empresas de construção. Estas hidrelétricas também são feitas para atender os interesses des-

sas grandes construtoras e consultorias de parques industriais. Já se tornou um círculo vicioso". O coordenador do CIMI afirma ainda, que este empreendimento camufla muita coisa e que conseguiu durante todos estes anos sobreviver com uma forte propaganda da Eletronorte e da própria Funai. O advogado do CIMI, Felisberto Damasceno, cita um descumprimento da Lei Federal nº 3.824, de 1960, que determina a destoca e a limpeza das bacias hidráulicas das represas. De início esta hidrelétrica que está sendo considerada a mais cara do Brasil (seu custo é computado em 800 milhões de dólares) não gerará sequer 250 megawatts, como divulgou a Eletronorte, apesar de tentar formar um lago de 2.340 km. Segundo cientistas do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (Inpa) na época da seca, a produção de Balbina não chegará a 110 megawatts, o que não atende nem 20% da demanda de Manaus.

## Metalúrgicos viam um elefante

O Sindicato dos Metalúrgicos não se mostrou surpreso com a inviabilidade de Balbina, segundo Elson Mello, "Balbina nunca teve como objetivo principal gerar energia, é um elefante branco que vai ficar aí sem produzir nada".

Na opinião dos sindicalistas, o Cimi está coberto de razão quando liga a construção de Balbina à exploração mineral. "Estamos diante de mais uma farsa, que contribuiu para a destruição da fauna e da flora, contribuiu para a expulsão dos índios do local, e até agora não apresentou resultados, somente gastos. A quantidade de dinheiro gasta na

construção desta hidrelétrica é exorbitante, aumentou o déficit público e também a dívida externa".

"Para os trabalhadores — continua — Balbina significa fome, baixos salários e bastante opressão. O dinheiro lá investido poderia ser revestido para outros setores. Se formos aguardar a chuva vamos esperar bastante, só mesmo um dilúvio pode encher aquele lago.

**Segurança no Trabalho** — Elson Mello questiona ainda, a questão da segurança no trabalho. Segundo ele, são inúmeros os acidentes ocorridos, e não há nenhu-

ma proteção. "O setor da construção civil é o campeão em acidente no Brasil. E na construção destas barragens temos denúncias que os operários somem e não são procurados, caindo em alguma vala, são soterrados com o próprio concreto. Gostariamos que os mentores dessas grandes obras inoperantes e as construtoras tivessem em mente a fragilidade da mão-de-obra e a questão da segurança no trabalho. As autoridades também são culpadas quando não há uma rigorosa vigilância. Vários operários morreram como no caso de Itaipu, e nada foi feito", finalizou.

## Situação atual já era prevista

O engenheiro-chefe da Hidrelétrica de Balbina, Francisco Nelson Queiroga da Nóbrega, confirmou ontem a constatação da reportagem de "A Crítica", declarando que realmente o lago será cheio com a água da chuva, mas que este fato já estava previsto no projeto de elaboração da hidrelétrica.

Segundo Queiroga, o que acontece agora com a hidrelétrica está perfeitamente previsto nos planos da usina. "Quando elaboramos o projeto de qualquer hidrelétrica sempre o fazemos em 3 alternativas. A primeira girando em torno de um ano seco, a segunda num ano médio de chuvas; e a terceira num ano bastante chuvoso, ou seja um ano molhado. Atualmente na Amazônia atravessamos um ano seco, como também no Nordeste. Dessa forma o enchimento do lago está normal dentro das previsões de um ano seco".

Explica ainda o engenheiro chefe, há 1 ano, desde outubro passado para o enchimento do lago, e não é possível que dentro deste espaço o lago não encha. Afirma ainda que este atraso no enchimento de maneira nenhuma compromete o fun-

cionamento da usina. "Em outubro de 88, a primeira turbina estará gerando energia normalmente. Tenho certeza que isto vai acontecer, pois não estamos no Nordeste".

O assessor de imprensa da Eletronorte, Jayme Pereira diz que se o

lago já encheu 34,5m em dois meses e meio, não é possível que não complete os 46m em 10 meses. Numa previsão do futuro, ele declara que a usina terá tanta água que as comportas terão que ser abertas para reduzir o volume do reservatório.

## Povo quer investigação rigorosa

Para a população em geral de Manaus, que só conhecia a hidrelétrica, pelas fotos de jornais e imagens de televisão, além da vinheta "Balbina é nossa, é a solução", a reportagem de "A Crítica" foi uma surpresa e ao mesmo tempo uma grande decepção. A maioria foi unânime em afirmar que este caso merece uma explicação e uma investigação rigorosa.

No Café do Pina, ponto de encontro de muitos, a atitude era de indignação. O funcionário da secretaria de Fazenda, Joaquim Santana, 47 anos, perguntava aos companheiros de papo, como o governo tem coragem de investir tanta "grana" num projeto dessa estirpe, que de início já começou falido. "To-

dos tínhamos conhecimento, que esta usina já deveria estar funcionando há muito tempo, mas a Eletronorte ao que parece sempre veio protelando, não sei por que motivo. Acredito que eles já sabiam esta realidade, mas escondiam o jogo. Fico pensando que desde o Plano Cruzado I, passamos pelas mais diversas dificuldades de cunho econômico, o governo sempre recomendava em apertar cintos e no congelamento dos preços, mas nunca se furto em fazer suas obras faraônicas como é o caso desta hidrelétrica.

**Defesa ecológica** — A professora Maria Luísa Massari, afirma que as consequências ecológicas desta enorme construção são as piores possíveis. "Pelo que tenho co-

nhecimento da causa, a floresta ficará totalmente submersa e milhões de metros cúbicos de madeira que não foram retirados apodrecerão. E este apodrecimento causa o aparecimento de gases altamente venenosos. Só estas fotos já demonstravam que a construção da hidrelétrica seria prejudicial, mas mesmo assim ela foi construída, a área foi parcialmente inundada. Agora com esta denúncia, o que podemos concluir é a falta de responsabilidade desses órgãos que comprometem toda uma região num projeto inconsequente. "Amazônia realmente não tem dono. Nós que moramos aqui pouco ou nada sabemos sobre as atrocidades planejadas para esta região.

